

As respostas verbais e a frequência de sujeito nulo na aquisição do Português Brasileiro e do Português Europeu

Telma Magalhães &
(UNICAMP / FAPESP-FLUL / CNPq)
vianna@iel.unicamp.br

Ana Lúcia Santos
(FLUL / Onset - CEL)
als@fl.ul.pt

Resumo

A perda de sujeito nulo no Português Brasileiro tem sido objecto de um considerável debate, que inclui também trabalhos em aquisição. Nestes trabalhos, por regra, não são consideradas as respostas a interrogativas globais (nomeadamente, as respostas verbais) como contexto de sujeito nulo. Este trabalho pretende precisamente discutir essa opção metodológica, defendendo que ela não é fundamentada. Na realidade, as respostas verbais não só são um contexto de sujeito nulo nas línguas de sujeito nulo como são um dos contextos de manutenção do sujeito nulo em Português Brasileiro. A exclusão deste contexto no cômputo dos dados é prejudicial à avaliação da questão da perda do sujeito nulo no Português Brasileiro.

1. O sujeito nulo no Português Brasileiro

Os trabalhos sobre o uso de sujeito nulo no Português Brasileiro (PB) atestam que essa língua vem perdendo a capacidade de licenciar o sujeito nulo referencial. Dentre estes trabalhos, destaca-se como um trabalho de referência Duarte (1995) que, analisando amostras de fala de adultos, mostrou a preferência dos falantes do PB pelo uso dos sujeitos expressos. Dos sujeitos de referência definida, 29% apresentaram o sujeito nulo, enquanto 71% o sujeito fonologicamente realizado. Segundo Duarte (1995), os resultados de sua análise revelam que o PB convive com um sistema agonizante, em que ainda se reflectem as características pro-drop e um sistema em desenvolvimento, em que a perda de “riqueza funcional” já não permite a identificação de *pro*.

A redução no uso do sujeito nulo referencial no PB aconteceu porque esta língua teria deixado de ser uma língua de flexão rica, tendo essa mudança começado com a perda da segunda pessoa (cf. Galves, 1990 e Duarte, 1993). Assim, a redução no paradigma flexional do PB de 6 formas distintas que representam a expressão da combinação entre os traços de número e pessoa para um paradigma com 3 formas, graças também à perda da 1ª. pessoa do plural¹, levou a um empobrecimento da flexão e consequentemente a uma redução no uso do sujeito nulo referencial:

Tabela 1 - Evolução nos paradigmas flexionais do PB (Duarte, 1993: 109)

PESSOA	NÚMERO	PARADIGMA 1	PARADIGMA 2	PARADIGMA 3
1 ^a	Sing.	Cant-o	Cant-o	Cant-o
2 ^a direta	Sing.	Canta-s	_____	_____
2 ^a indireta	Sing.	Canta-0	Canta-0	Canta-0
3 ^a	Sing.	Canta-0	Canta-0	Canta-0
1 ^a	Plur.	Canta-mos	Canta-mos	Canta-0

¹ Segundo Duarte (1993) o paradigma com a 1ª. pessoa do plural restringe-se à língua escrita ou à fala de uma geração situada numa faixa etária mais alta. No entanto, vale a pena ressaltar que há dialectos que ainda apresentam a 1ª. pessoa do plural na língua falada.

2 ^a direta	Plur.	Canta-is	_____	_____
2 ^a indireta	Plur.	Canta-m	Canta-m	Canta-m
3 ^a	Plur.	Canta-m	Canta-m	Canta-m

Trabalhos em aquisição (Simões, 1997, Lopes, 2003 e Magalhães, 2000, 2003) mostram que as crianças adquirindo o PB exibem resultados comparáveis àqueles encontrados para os adultos de Duarte (1995).

O problema destes trabalhos reside em não considerar para o cômputo dos sujeitos nulos no PB dados referentes a respostas a perguntas sim/não como em (1):

(1)*MÃE: (vo)cê gosta da Kelly ?

*RAQ: gosto.

PB (1;8.25)

Os argumentos usados para a exclusão são baseados no facto de que as respostas a perguntas sim/ não são contextos categóricos de sujeito nulo e sua inclusão no cômputo de sujeitos nulos no PB poderia deturpar os resultados obtidos. A respeito da exclusão, Simões (1997: 162) faz a seguinte observação:

“As respostas curtas, também excluídas, já foram mencionadas anteriormente com relação ao seu caráter especialíssimo no português. Diante da ausência de literatura acerca dessas estruturas do português, decidi por simplesmente excluí-las das contagens, **ainda que me intrigue o fato de que, por um lado, essas respostas sejam uma fonte de evidência robusta para a observação de que A já respeita em índices elevados as regras de concordância verbal do PB**, e, por outro, a concordância deva envolver uma relação especificador/núcleo. De qualquer forma, a inclusão desses enunciados certamente deturparia os números obtidos, dado que o tipo de interação verbal possível com a criança dessa idade favorece muito o aparecimento dessas respostas e elas são contextos categóricos de omissão de sujeito”.²

Acreditamos que as respostas a interrogativas globais não só são uma evidência robusta da aquisição de concordância pela criança adquirindo o PB (Magalhães, em prep.), mas também mais uma evidência para a hipótese de que o sujeito nulo no PB é selectivo.

2. Dados:

Consideraremos neste trabalho a produção espontânea de quatro crianças monolingues que adquirem o PE (idades compreendidas entre 1;5.9 e 3;11.12) e de duas crianças monolingues que adquirem o PB (entre 1;8.0 e 3;4,11).

Os dados encontram-se em formato Chat (MacWhinney 2000). Cada ficheiro corresponde à transcrição de uma sessão que varia entre 30 e 60 minutos de gravação; o intervalo entre cada sessão transcrita é de aproximadamente um mês.

² Grifo nosso.

Tabela 2 – *Dados da aquisição do Português Europeu*
(Santos, em prep.)

Criança	Idade	Nº de ficheiros	MLUw
Inês ³	1;6.6-3;11.12	21	1.5 - 3.8
Tomás	1;6.18-2;9.7	16	1.2 – 2.9
Inês M.	1;5.9-2;5.23	13	1.3 – 1.9

(Magalhães, em prep.)

João ⁴	2;0.2- 2;7.16	8	1.7-2.5
-------------------	---------------	---	---------

Tabela 3 – *Dados da aquisição do Português Brasileiro*
(Magalhães, em prep.)

Criança	Idade	Nº de ficheiros	MLUw
Raquel ⁵	1;8.0-2;7.12	10	1.2 - 2.9
Ana	2;4.11- 2;10.2	8	1.5 – 2.7

3. Evidência para a inclusão das respostas verbais no cômputo do sujeito nulo

Nesta secção apresentaremos argumentos para a inclusão das respostas verbais no cômputo do sujeito nulo. Em primeiro lugar, mostraremos que as respostas verbais são instâncias de sujeito nulo na gramática adulta; em segundo lugar, mostraremos que, desde estádios muito precoces da aquisição, há evidência para dizer que as respostas verbais são conformes à gramática-alvo.

3.1. As respostas verbais são instâncias de sujeito nulo

Começamos por considerar os possíveis argumentos para a exclusão das respostas verbais como contexto de sujeito nulo. Parece-nos que essa exclusão só se justificaria caso se considerasse a resposta verbal como mero V, um fragmento sem estrutura interna.

Contudo, os poucos trabalhos que avaliaram estas construções têm-nas descrito como construções de elipse de VP (cf. Matos, 1992, Martins, 1994, Santos, em prep.). Também trabalhos que tratam estas construções noutras línguas, como o Hebreu (cf. Doron, 1999) ou o Irlandês (cf. McCloskey, 1991), têm analisado as respostas verbais como elipse do VP ou uma estrutura semelhante. Um dos argumentos para a análise de respostas verbais como elipse de VP é, aliás, a correlação entre a existência de elipse de VP e de respostas verbais na mesma língua. Se assumirmos então que respostas verbais são

³ Os dados da Inês foram recolhidos por Maria João Freitas (cf. Freitas, 1997), no quadro do projecto PCSH/C/LIN/524/93 do Laboratório de Psicolinguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

⁴ Os dados do João foram recolhidos por António Quintas Mendes (Mendes, 1991) e tratados no formato CHILDES por Fernanda Gonçalves (Gonçalves, 2004).

⁵ Os dados da Raquel foram recolhidos por Ester Miriam Scarpa (Gebara, 1984) e pertencem ao Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE). Estes dados foram transcritos ortograficamente por E. M. Scarpa e colocados no formato Chat por um grupo de alunos dirigidos por Mary Kato.

elipses de VP, estaremos então a assumir que se trata de frases plenas em que o verbo subiu para I e o VP se encontra elidido⁶.

Da mesma forma, há argumentos claros para afirmar que as respostas verbais a interrogativas globais em PE e PB são contextos de sujeito nulo. A comparação entre línguas de sujeito nulo e línguas de sujeito não-nulo torna claro que, quando uma língua de sujeito não-nulo permite respostas verbais (cf. Inglês), as respostas verbais têm obrigatoriamente o sujeito realizado (cf. 2), enquanto que, numa língua de sujeito nulo como o PE, o sujeito tipicamente é *pro*.

(2) P: Did you find the book?

A: (Yes,) I did. / *Did.

Por outro lado, e como é esperado em línguas de sujeito nulo, a omissão do sujeito não é obrigatória nas respostas verbais, i.e., ao contrário do que é sugerido por Simões (1997), Lopes (2003), Magalhães (2000; 2003), as respostas verbais não são um contexto categórico de omissão do sujeito. Aliás, como se espera, a realização do sujeito em respostas a interrogativas globais numa língua que permite sujeito nulo tem implicações discursivas: de acordo com o juízo de falantes do PE e do PB, o sujeito pleno em (3b) favorece uma leitura contrastiva e não exaustiva da resposta⁷.

(3) P: Ele vai comer a sopa?

R: a. Vai. (interpretação neutra)

b. Ele vai. (“Ele vai, os outros não sei.”)

Portanto, e de forma relevante para a nossa argumentação, a alternância entre sujeito nulo e sujeito pleno nestes contextos em PE e PB não é necessariamente uma diferença sintáctica, consequência da fixação de parâmetro, uma vez que a presença / ausência codifica antes informação semântico-discursiva⁸.

Ainda crucialmente para a nossa argumentação, as respostas verbais também não são um contexto categórico de sujeito nulo nos dados de aquisição – veja-se a resposta da criança brasileira em (4):

(4)*MÃE: (vo)cê vai viaja(r)?

*RAQ: eu vou viaja(r).

PB (2;0.5)

Assim, assumiremos que uma resposta verbal mínima, i.e., constituída apenas pelo verbo, tem uma estrutura como em (5), em que *pro* ocupa o lugar de sujeito e o VP elidido

⁶ A natureza da elipse de VP, nomeadamente se se trata de uma *pro*-forma (cf. Chao, 1987, Lobeck, 1995, 1999) ou de um VP com estrutura interna (cf. Hankamer & Sag, 1976, Tancredi, 1992) omitido por apagamento, não é relevante para este trabalho. No entanto, veja-se Matos (1992) e, mais recentemente Merchant (2001), (no prelo), Lasnik (2001) para argumentação convincente defendendo que se trata de um VP com estrutura interna.

⁷ Será possível pensar que o sujeito realizado neste caso recebe uma interpretação de “Implicational Topic”, na terminologia de Büring (1999). De acordo com Büring (1999), este tipo de tópico implica a existência de um tópico residual. Poderíamos assim levantar a hipótese de que a interpretação não exaustiva da resposta decorre precisamente da existência desse tópico residual.

⁸ Oliveira (1996) notou já que a realização do sujeito em respostas verbais no PB é explicada por factores discursivos, nomeadamente, um eventual valor de ênfase.

é derivado por apagamento do material fonológico correspondente a um VP plenamente estruturado⁹.

(5) P: O João deu pipocas à Maria?

R: *pro* deu_i [~~VP-t_i-pipocas à Maria~~]

3.2. As respostas verbais em estádios iniciais de aquisição são equivalentes a respostas verbais adultas

Tendo-se tornado claro que as respostas verbais na gramática adulta são contextos de sujeito nulo, será agora necessário demonstrar que as respostas das crianças que adquirem o PE e o PB têm igual estatuto.

Em primeiro lugar, as respostas verbais em estádios iniciais da aquisição não são meras repetições. Note-se que as respostas verbais ocorrem independentemente da posição em que o verbo se encontra na interrogativa (elemento *overt* mais encaixado ou mais à direita vs. outra posição), o que indicia por parte da criança quer o reconhecimento da estrutura sintáctica na interrogativa quer a identificação do VP como o domínio a recuperar na resposta:

(6) *MAE: queres andar no cavalinho?

*INM: que(ro). PE (1;5.9)

(7) *TEL: <(vo)cê não que(r)> [//] não vai da(r) comida p(a)ra ela?

*ANA: vou. PB (2,4.11)

(8) *MAE: olha # tu gostas disto que está aqui na mesa?

*MAE: o que é isto aqui?

*INI: go(sto). PE (1;7.2)

Como se verifica também nos exemplos anteriores, a forma do verbo na resposta verbal não coincide com a forma do verbo na interrogativa (cf. Gonçalves, 2004).

Em segundo lugar, as respostas verbais em estádios iniciais não podem ser analisadas como respostas construídas com um elemento focado na interrogativa anterior. Kato & Tarallo (1992) sugerem que as respostas curtas a interrogativas globais que as crianças apresentam são construídas com um elemento focado na interrogativa anterior, podendo assim ser constituídas quer pelo verbo quer por qualquer XP focado na interrogativa. Os exemplos que apresentam encontram-se em (9) a (12).

(9) Adulto: Tiro tudo?

Criança: tudo.

⁹ Cf. nota 5 para a motivação da análise de elipse de VP. Cf. Santos (em prep.) para a discussão da natureza de elipse de VP em respostas verbais nos estádios iniciais de aquisição. Note-se ainda que, em muitos casos, as respostas verbais serão ambíguas entre estruturas de objecto nulo e elipse de VP ou ambíguas entre casos de anáfora do complemento nulo e elipse de VP. Não desenvolveremos aqui este aspecto da discussão, visto que nos centramos neste artigo na posição de sujeito nas respostas verbais – para esta questão, veja-se Santos (em prep.).

(10) Adulto: Cê quer fazer sozinha?

Criança: sozinha.

(11) Adulto: Chega. Já limpou?

Criança: Pô.

(12) Adulto: Vamos ver se a gente acha a cabeça?

Criança: vão.

No entanto, as respostas verbais, em PB como em PE, não aparecem a par de possíveis respostas que correspondam à repetição de qualquer outro tipo de fragmento da pergunta anterior, sendo as respostas verbais frequentes desde as primeiras produções observadas e produções como em (9) e (10) muitíssimo raras.

Tabela 4 – respostas verbais vs. respostas com elemento focado

Criança	Respostas verbais (nº global dos 5 primeiros ficheiros) ¹⁰	Possíveis respostas com elemento focado a int. global (5 primeiros ficheiros)
Tomás	86	1
Inês	55	4
Inês M.	94	3
Raquel	19	0
Ana	41	3

Veja-se aliás que não só os possíveis casos de resposta com elemento focado são escassos como ainda não é claro até que ponto as possíveis “respostas com elemento focado” referidas na tabela anterior são de facto respostas a interrogativas ou meras repetições frequentes em alguns momentos da aquisição e utilizadas em contextos que não contêm interrogativas. Um desses contextos de repetição é apresentado em (13).

(13) *MAE: olha # agora faz # a Inês.

*INM: a Inês.

PE (1;9.8)

Finalmente, em alguns contextos (como é o caso dos contextos em 14 e 15), estas respostas são de facto possíveis como respostas adultas – o que é notado por Oliveira (1996).

(14) *MAE: quem é trapalhão?

*MAE: és tu?

*TOM: tu.

PE (1;8.16)

(15) *TEL: você que(r) esse mesmo?

*ANA: esse.

PB (2;4.11)

¹⁰ São incluídas aqui quer respostas a interrogativas globais quer respostas a interrogativas tag.

3.3. Possíveis problemas

Há, no entanto, que ter em conta possíveis problemas para a análise das respostas verbais em estádios iniciais de aquisição como conformes com a gramática-alvo. Um dos problemas a considerar é a ocorrência de respostas que parecem de facto repetir a forma verbal na interrogativa e a que chamamos “eco” (cf. Santos, em prep.):

- (16) *MAE: diz lá # estás em pé?
*INI: (es)tás. PE (1;9.19)

Contudo, é possível mostrar que o facto de uma resposta ser de tipo “eco” não significa que esta resposta seja um mero caso de repetição, sem valor para a avaliação da competência sintáctica da criança. Como se verifica em (17), nem todos os casos de “eco” correspondem à repetição exacta do material na interrogativa.

- (17) *MAE: ah@i # pronto # que(re)s ajuda ou não?
*INI: queres. PE (1;10.29)

O que parece acontecer é que a criança, na altura em que produz estas respostas, ainda não é capaz de estabelecer a referência de pessoa no discurso. Assim, o uso não adulto da flexão de pessoa encontra-se em respostas a interrogativas, mas também noutros contextos, como em (18), em que não é possível uma interpretação da forma como repetição.

- (18) *MAE: o que é que o porquinho disse ao senhor?
*TOM: vende m(e) um feixe de madeira.
*MAE: para quê?
*TOM: pa(ra) con(s)t(r)ui(r) uma [/] uma casa.
*MAE: e o homem vendeu?
*TOM: e@ e@ # a@ a@ nu [: não] *sabes*.
*MAE: não sabe? PE (2;8.9)

Aliás a compreensão imatura, por parte da criança, da referência de pessoa no discurso manifesta-se noutros contextos, como o da utilização de possessivos (cf. 19 e 20).

- (19) *MAE: diz à mamã qual é.
*MAE: olha é meu?
*TOM: é teu.
*MAE: é meu.
*TOM: é teu!
*MAE: pois # é meu.
*ALS: +< [=! ri].
*TOM: é teu!
*TOM: teu!
*MAE: pois # meu da mamã.
*TOM: teu!
[...]
*MAE: é de quem # o carro dos bombeiros?
*TOM: é # Tás@f.

*MAE: é do Tás@f?
 *TOM: é.
 *MAE: não é não # é meu.
 *TOM: é teu.
 [...]

PE (1;9.14)

(20) *MÃE: agora por que vai tira(r) a calça # Raquel?

*RAQ: o seu bumbum@d # ti& [//] tira.

[A Raquel quer mostrar o seu bumbum.]

PB (1;8.25)

Finalmente, poder-se-á levantar um outro problema à análise das respostas verbais como estruturas conformes à gramática adulta desde os estádios iniciais de aquisição: as primeiras respostas verbais, analisadas na gramática adulta como estruturas de sujeito nulo, ocorrem antes das produções com sujeitos plenos correspondentes – cf. Tabela 5.

Tabela 5 – respostas verbais e sujeitos preenchidos¹¹

Criança	1ª resposta verbal	1º sujeito preenchido
Tomás (PE)	1;6.18	1;8.16
Inês (PE)	1;6.6	1;8.2
Inês M. (PE)	1;5.9	1;5.9(?) / 1;10.16
Raquel (PB)	1;8.25	2;0.5
Ana (PB)	2;4.11	2;4.25

Não discutiremos aqui a razão desta não coincidência. O que é relevante para o propósito deste trabalho é que, pelo menos a partir do momento em que a criança apresenta as estruturas plenas a par das estruturas sem realização fonética, é possível assumir que as respostas verbais das crianças são equivalentes às do adulto. E isso acontece cedo, como se vê: entre 1;8 e 2;4 as crianças produzem estruturas com sujeitos plenos. Não há portanto razão para excluir as respostas verbais do cômputo do sujeito nulo, pelo menos a partir do momento em que as crianças apresentam sujeitos plenos.

4. Implicações da exclusão das respostas verbais no cômputo do sujeito nulo em PB

Mostrámos acima que as respostas verbais são contextos de manutenção do sujeito nulo no PB e, baseadas nisso, argumentamos que a exclusão deste contexto no cômputo dos dados é prejudicial à avaliação da questão da perda do sujeito nulo no Português Brasileiro.

Para mostrar como a exclusão das respostas verbais dos dados de sujeito nulo pode ser relevante na afirmação de que o PB está perdendo o sujeito nulo, fizemos a contagem dos sujeitos nulos produzidos por uma criança brasileira (Raquel) e por uma criança

¹¹ Os casos duvidosos são assinalados com (?). Note-se que não contamos aqui apenas os sujeitos plenos em respostas a interrogativas globais, mas antes os sujeitos plenos em qualquer tipo de enunciado.

portuguesa (João)¹², incluindo e excluindo as respostas verbais. Os resultados são mostrados nas tabelas 5 e 6 respectivamente:

Dados de Magalhães, em prep:

Tabela 6 - Sujeitos Nulos Referenciais de Raquel (PB)

Sessões	Suj. Nulo (incluindo resp. verbais)	Suj. Nulo (Excluindo resp. verbais)
01	82,3%	73,8%
02	42,7%	36,2%
03	60,1%	51,4%
04	55,7%	45,8%
05	55,2%	48,1%
06	49,3%	33,9%
Média	57,5%	48,2%

Tabela 7 - Sujeitos Nulos Referenciais de João (PE)

Sessões	Suj. Nulo (incluindo resp. verbais)	Suj. Nulo (Excluindo resp. verbais)
01	83,3%	78,5%
02	46,4%	43,1%
03	77,8%	77,7%
04	67,7%	64,3%
05	70,8%	68,4%
06	77,8%	75,4%
Média	70,6%	67,9%

Os resultados apresentados na tabela 6 mostram que Raquel apresenta um percentual, em média, de 57,5% de sujeitos nulos quando estes são computados levando em conta as respostas verbais. No entanto, se excluirmos as respostas verbais, o percentual de sujeito nulos cai em média 9,3%. Uma redução como esta pode ter consequências para a interpretação dos dados.

Quando aplicamos o mesmo critério aos dados de João, a redução nos percentuais de sujeitos nulos não é tão relevante, caindo em média 2,7%.

Se considerarmos que ao lado da afirmação de que o PB vem perdendo o sujeito nulo referencial, tem-se afirmado também que o sujeito nulo no PB é selectivo no sentido de que ainda se mantém em alguns contextos (Galves, 1983; 1988; Negrão & Müller 1996; Figueiredo Silva, 1996; Modesto, 2000, Kato, 1999; 2003), não podemos ignorar o facto de que as respostas verbais se mostram como um contexto importante na manutenção do sujeito nulo e conseqüentemente evidenciam o seu uso selectivo no PB.

Com relação à aquisição, não podemos descartar a possibilidade de que tais contextos possam estar servindo de “trigger” para a criança que adquire PB descobrir o uso do sujeito nulo nesta língua (Magalhães, em prep). De facto, os dados de Raquel parecem confirmar a hipótese de que as respostas verbais são um contexto de manutenção

¹² Os resultados são das seis primeiras sessões de cada criança. Os dados que apresentamos aqui pretendem ser apenas uma amostra de um trabalho de comparação mais extenso que virá a ser apresentado em Magalhães (em prep.).

do sujeito nulo em PB: em 19 respostas verbais, Raquel apresenta apenas 4 com sujeito preenchido¹³.

Portanto, mais uma vez reiteramos a importância da inclusão de tais contextos nos trabalhos que lidam com o sujeito nulo no PB. Descartar tais contextos é um erro metodológico que pode ter como consequência a avaliação incorrecta do PB quanto à perda do sujeito nulo.

6. Conclusão

Procuramos defender neste trabalho que a exclusão das respostas verbais do cômputo dos dados de sujeito nulo no PB não se justifica. Pelo contrário, há muito mais argumentos em favor da inclusão: nomeadamente, a exclusão destes dados implica uma avaliação incompleta dos contextos de manutenção de sujeito nulo em PB.

Mostramos ainda que as respostas verbais são mais uma evidência para a hipótese de que o PB é uma língua em que o uso de sujeito nulo é selectivo, sendo as respostas verbais um contexto em que o PE e o PB apresentam o mesmo padrão.

7. Referências

- AMBAR, M. 1999. Aspects of the Syntax of Focus in Portuguese. In Rebuschi, G. & L. Tuller (eds.) *The Grammar of Focus*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- BÜRING, D. 1999. Topic. In P. Bosch & R. Van der Sandt (eds.) *Focus – Linguistic, Cognitive and Computational Perspectives*. CUP.
- CHAO, W. 1987. *On Ellipsis*. PhD Dissertation. University of Massachusetts at Amherst.
- COHAN, J. 2001. Context in the interpretation of focus: deriving contrast and exhaustiveness. Talk given at Linguistics Colloquium. University of Groningen, 11 May.
- DORON, E. 1999. V-Movement and VP ellipsis. In Lappin, S. & E. Benmamoun (eds.) (1999: 124-140)
- DUARTE, M. L. 1993. Do Pronome Nulo ao Pronome Pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. Em Roberts e Kato (orgs), *Português Brasileiro: uma viagem Diacrônica (Homenagem a Fernando Tarallo)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 107-128.
- _____. 1995. A Perda do Princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro. UNICAMP: Tese de Doutorado.
- GONÇALVES, F. 2004. *Riqueza Morfológica e Aquisição da Sintaxe em Português Europeu e Português Brasileiro*. Tese de Doutorado.
- LAPPIN, S. & E. BENMAMOUN (eds.) 1999. *Fragments. Studies in Ellipsis and Gapping*. New York / Oxford: Oxford University Press.
- LOBECK, A. 1995. *Ellipsis: Functional Heads, Licensing and Identification*. New York: Oxford University Press.
- _____. 1999. VP Ellipsis and the Minimalist Program: Some Speculations and Proposals. In Lappin & Benmamoun (eds.) (1999: 98-123)
- LOPES, R. E. V. 2003. “The Production of Subject in Brazilian Portuguese by a Young Child”. *PROBUS* 15. 123-146.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. 1996. A Posição Sujeito no Português Brasileiro: frases finitas e infinitas. Campinas: Editora da UNICAMP.
- FREITAS, M. J. 1997 *Aquisição da Estrutura Silábica do Português Europeu*. Dissertação de Doutorado. Universidade de Lisboa.
- GALVES, C.1983 [2001]. *Algumas Diferenças entre Português de Portugal e Português do Brasil e a Teoria de “Regência e Vinculação”*. Texto apresentado no Congresso Sobre a Situação da Língua Portuguesa no Mundo. Publicado em 1988 nos Anais do congresso pelo ICALP. Lisboa. Vol. II, 55-65. [Publicado Em Galves, Charlotte. 2001. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas. Editora da UNICAMP, cap. 2, 33-42].
- GEBARA, E. M. 1984. *The development of Intonation and Dialogue Process in Two Brazilian Children*. PHD dissertation. London.

¹³ Esse resultado será explorado em detalhes em Magalhães (em prep).

- _____. 1998. A Gramática do Português Brasileiro. *Línguas: Instrumentos Lingüísticos*, 1 (janeiro/junho), Campinas: Pontes
- HANKAMER, J. & I. SAG 1976. Deep and surface anaphora. *Linguistic Inquiry*. 7.3, 391-426.
- KATO, M. & TARALLO, F. 1992. Sim: respondendo afirmativamente em Português. In: M. Sofia Z. De Paschoal & M. Antoniete A. Celani (orgs). *Linguística Aplicada: da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar*, Educ, São Paulo, 259-277.
- _____. 1999a. Strong and Weak Pronominal in the Null Subject Parameter. *PROBUS* 11.1-37.
- _____. 2001. Nomes e Pronomes na Aquisição. *Letras de Hoje*, 36,3: 101-112. Porto Alegre: EdiPUCRS
- _____. 2003. Desvendando a Gramática do Português Brasileiro Em Albano, Possenti e Alkimin (orgs), *Saudades da Língua*. Campinas. Mercado de Letras/ IEL-UNICAMP, 261-271.
- LASNIK, H. 2001. When can you save a structure by destroying it? In *Proceedings North Eastern Linguistic Society* 31.
- MACWHINNEY, B. 2000. *The CHILDES project: Tools for analyzing talk. Third Edition*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- MAGALHÃES, T. M. V. 2000. Aprendendo o Sujeito Nulo na Escola. UNICAMP: Dissertação de Mestrado.
- _____. 2003. O Traço de Pessoa no PE e no PB: um estudo a partir de dados de aquisição. Comunicação apresentada no 6º. ENAL, PUCRS, Porto Alegre, outubro de 2003.
- _____. 2003. O Uso de Terceira Pessoa na Aquisição do PE e do PB. Comunicação apresentada no IX SETA, IEL/UNICAMP, Campinas, outubro de 2003.
- _____. Em prep. *Pronomes Sujeito e Objeto na Aquisição do Português Europeu e do Português Brasileiro*. Tese de Doutorado a apresentar à UNICAMP.
- MARTINS, A. M. 1994. *Os Clíticos na História do Português*. Dissertação de Doutorado. Universidade de Lisboa.
- MATOS, G. 1992. *Construções de eclipse do predicado em Português. SV Nulo e Despojamento*. Doctoral Dissertation. Universidade de Lisboa.
- McCLOSKEY, J. 1991. Clause structure, ellipsis and proper government in Irish. *Lingua*, 85: 259-302
- MENDES, A. Q. 1991. *A Referência Temporal no Discurso Conversacional aos dois e três anos de idade*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- MERCHANT, J. 2001. *The Syntax of Silence. Sluicing, Islands and the Theory of Ellipsis*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. (no prelo) Variable island repair under ellipsis. In K. Johnson (ed.) *Topics in Ellipsis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MODESTO, M. 2000. Null Subject Without “Rich” Agreement. In M. A. KATO e Esmeraldo Negrão (orgs), *Brazilian Portuguese and Null Subject Parameter*. Iberoamericana-Vervuert, Madrid.
- NEGRÃO, E. V. & MÜLLER, A. L. 1996. As Mudanças no Sistema Pronominal do Português Brasileiro: Substituição ou Especialização de Formas? *DELTA*, 12 (1), 125-152.
- OLIVEIRA, M. 1996. *Respostas assertivas e sua variação nas línguas românicas: o seu papel na aquisição*. UNICAMP: Dissertação de Doutorado.
- SANTOS, A. L., Em prep. *Minimal answers*. Tese de Doutorado a apresentar à Universidade de Lisboa.
- SIMÕES, L. 1997. *Sujeito Nulo na Aquisição do Português do Brasileiro: um Estudo de Caso*. PUCRS: Tese de Doutorado.
- TANCREDI, C. 1992. *Deletion, Deaccenting and Presupposition*. PhD Dissertation. MIT.